



ESPERANÇA E PREOCUPAÇÃO COM A DOCÊNCIA: EXPERIÊNCIAS PIBIDIANAS COM A MERCANTILIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO PÚBLICA NO PARANÁ

João Vitor Garcia Doná ¹
Nicole Oliveira Rossi ²
Fagner Carniel ³

RESUMO

Este trabalho busca expor as experiências de duas pessoas que cursam Ciências Sociais e participam do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) com a esperança de se tornarem professores(as) de Sociologia em um momento preocupante da Educação Básica paranaense. Pretendemos descrever e refletir sobre um acontecimento que ocorreu nos meses de abril à julho de 2025 e nos marcou enquanto futuros docentes. Nosso relato irá expressar como percebemos e sentimos o projeto de desmonte educacional na rede pública de ensino do Paraná, principalmente a partir do momento em que os diretores da escola que realizamos nossas atividades sofreram graves acusações e, infelizmente, foram retirados de seus cargos. Para o desenvolvimento deste relato, nos baseamos em nossas pesquisas de campo com duas turmas do segundo ano do ensino médio. Além disso, como referencial teórico, aproveitamos alguns autores e autoras já discutidos(as) em reuniões do PIBID, e também a partir de debates realizados na graduação em torno do papel das emoções na compreensão do mundo social. Para mais, visamos mostrar como esse ocorrido afetou e emocionalizou nossa formação, ressaltando os sentimentos, como a desmotivação, preocupação e desânimo, que essa mercantilização da educação nos gerou. Embora esses sentimentos tenham estado presentes, também pudemos sentir esperança, visto que os discentes da escola se organizaram coletivamente e agiram de maneira surpreendente, lutando pelos seus direitos e realizando um forte movimento estudantil.

Palavras-chave: Desmonte educacional, Ensino médio, Formação docente, Movimento estudantil, PIBID.

INTRODUÇÃO

A experiência vivida no âmbito do Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) Sociologia 2025, da Universidade Estadual de Maringá, realizado no Colégio Estadual Alfredo Maluf, proporcionou uma imersão profunda no cotidiano escolar, ao mesmo tempo em que dialogou intensamente com os fundamentos das ciências sociais e da educação

¹ Graduando do Curso de **Ciências Sociais** da Universidade Estadual de Maringá - UEM, ra138696@uem.br;

² Graduando do Curso de **Ciências Sociais** da Universidade Estadual de Maringá - UEM, ra132768@uem.br;

³ Professor orientador: doutor, Universidade Estadual de Maringá - UEM, fcarniel@uem.br.





crítica. Os relatos produzidos ao longo dessa vivência refletem diferentes momentos do processo, com suas descobertas, tensões e transformações.

A construção teórica que embasa esse percurso é plural e atravessa autores como Michel Foucault (2014), ao refletir sobre o espaço escolar como lugar de vigilância e controle, um paralelo com a lógica prisional das sociedades modernas. Paulo Freire (2019) é convocado ao se pensar a escola como espaço de acolhimento, arte e diálogo. A pedagogia da revolta, em Frantz Fanon (2020) e Bell Hooks (2013), também é evocada como prática libertadora, que compreende a raiva e a insubmissão como formas legítimas de resistência. Em sala de aula, os conteúdos dos famosos pensadores Durkheim, Weber e Marx foram ressignificados por meio da mediação de episódios de desenhos animados, demonstrando o esforço contínuo de articular teoria e vida.

Nossa⁴ experiência começou em abril de 2025 com a chegada ao colégio. O primeiro contato com o espaço físico provocou inquietações: os muros altos, a fachada sem cor e os corredores desgastados evocaram a imagem de uma instituição de controle. Mas o acolhimento da equipe gestora, representada por Geraldo e Luciana, e das professoras supervisoras Nicole (docente do colégio) e Renata (docente da universidade), reverteu esse impacto inicial e abriu espaço para pensar em projetos coletivos e criativos. A ideia de grafitar os muros da escola surgiu como símbolo de transformação estética e política.

Fomos envolvidos em reuniões com a direção, visitas aos diferentes espaços da escola, acompanhamento das turmas e planejamentos pedagógicos. O colégio se destacava pela valorização do protagonismo estudantil, especialmente por meio do Grêmio Estudantil e do programa de intercâmbio que oferece. No entanto, a rotina foi subitamente atravessada por uma crise institucional: o afastamento dos diretores eleitos democraticamente. Essa ruptura causou forte mobilização dos estudantes, que organizaram protestos, assembleias e atos dentro da escola. Acompanhamos todo esse processo de perto, observando a potência crítica dos alunos e a centralidade da escola como espaço político.

⁴ Importante notar que usaremos, recorrentemente, o “nós”, já que somos dupla de PIBID e, portanto, acompanhamos as mesmas turmas e aulas.





A vivência não se propôs, formalmente, como uma pesquisa científica, mas como um processo de escuta, observação e intervenção pedagógica. A justificativa implícita se apoia na necessidade de reconhecer o chão da escola pública como lugar de disputa, de resistência e de

cuidado. Em meio ao desmonte das políticas educacionais, torna-se urgente propor práticas que valorizem os sujeitos escolares, reconheçam seus saberes e suas vozes.

Nesse sentido, os objetivos que atravessaram a experiência foram: observar o cotidiano da escola pública; desenvolver práticas pedagógicas que dialoguem com a realidade dos estudantes; propor intervenções estéticas e afetivas no espaço escolar; estimular o pensamento crítico e a participação política dos alunos, além, de aprender com as formas de resistência presentes no ambiente escolar.

A metodologia adotada foi vivencial e fundamentada na observação participante, semelhante a proposta por Malinowski (1978). As ações envolveram escuta ativa, planejamento de aulas em diálogo com os interesses das turmas, uso de mídias como desenhos animados (“O Incrível Mundo de Gumball” e “Rick and Morty”) para articular conteúdos sociológicos, participação em eventos promovidos pelo Grêmio Estudantil, e proposições de intervenção nos espaços físicos da escola. A presença cotidiana possibilitou o desenvolvimento de vínculos, a construção de confiança com os estudantes e o exercício da docência como prática de diálogo e escuta.

Os desafios foram muitos. O distanciamento inicial dos alunos em relação ao conteúdo de sociologia, o desinteresse, e a fragmentação simbólica entre os grupos da sala revelaram marcas profundas de desigualdade. A “violência simbólica”, nos termos de Bourdieu (1986), se expressava nas diferentes maneiras como os alunos se posicionavam, se vestiam e interagiam. No entanto, com o uso de estratégias mais conectadas ao universo dos estudantes, foi possível produzir momentos de aproximação, reconhecimento e engajamento. Nossa presença como pibidianos foi notada e valorizada, não apenas por função pedagógica, mas pelo acolhimento, pela escuta e pelo vínculo construído com os estudantes.

O episódio do afastamento da gestão escolar e a reação dos alunos escancararam o conflito entre diferentes projetos de escola. De um lado, uma proposta democrática, participativa e sensível aos afetos que vinha da gestão escolar. De outro, uma imposição autoritária e tecnocrática, que ignora os sujeitos do processo educativo. Ver os alunos





resistirem, se organizarem politicamente e ocuparem os espaços da escola com sentido e coragem foi uma das maiores lições da experiência.

Por fim, a síntese conclusiva que emerge desse percurso é a de que a docência, quando vivida em sua dimensão ética e política, é profundamente transformadora. A escola, mesmo

diante de precariedades, é espaço de potência. Esse relato mostra que o trabalho docente vai além da transmissão de conteúdos: ele envolve afeto, escuta, posicionamento político e presença. Como afirma Paulo Freire (2019), ensinar é um ato de amor e amar, nesse contexto, é também resistir. O PIBID, ao permitir essa vivência, reafirmou o desejo de ser professor e fortaleceu a certeza de que outra educação é possível, uma que seja crítica, humana e radicalmente comprometida com a transformação social.

METODOLOGIA

A presente experiência foi desenvolvida no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculado ao curso de Licenciatura em Ciências Sociais, da Universidade Estadual de Maringá (UEM). O percurso metodológico adotado baseia-se na abordagem qualitativa, de natureza descritiva e interpretativa, centrada na vivência dos pibidianos em contexto escolar real. Trata-se de uma metodologia de observação participante, na qual os autores atuaram de forma ativa no cotidiano escolar, registrando, analisando e refletindo sobre as práticas, relações e dinâmicas que se estabeleceram entre estudantes, professores, direção e demais sujeitos da escola.

Entre os instrumentos utilizados para a coleta de dados, destacam-se os diários de campo, que contém registros de aulas, relatos escritos individuais e coletivos, fotografias dos espaços escolares (quando autorizadas pela instituição), além de conversas informais com alunos, professores e gestores. Foram também incorporadas atividades planejadas em conjunto com a supervisão docente e a coordenação do PIBID-UEM.

Não houve aplicação de questionários ou entrevistas formais. A coleta de informações se deu de forma espontânea e orgânica, em consonância com o caráter formativo e pedagógico do programa. Toda a experiência foi conduzida com responsabilidade ética, respeitando os limites do espaço escolar e a privacidade dos sujeitos envolvidos. O uso de imagens foi restrito a registros internos e acadêmicos, e, quando necessário, autorizado pela escola. Por se tratar de um programa institucional de formação docente, com ações em ambiente público e





supervisão acadêmica, não foi necessária submissão ao Comitê de Ética, mas todos os princípios de respeito, escuta e proteção aos envolvidos foram rigorosamente observados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A experiência com essa edição do PIBID se iniciou no dia 09 de abril de 2025, quando fomos ao Colégio Estadual Alfredo Maluf pela primeira vez. Nesse dia, nós⁵ e mais sete pibidianos, além de duas professoras incríveis, a Renata e a Nicole (nossa supervisora), fomos muito bem recepcionados pelo corpo administrativo da escola, especialmente pelos diretores Geraldo e Luciana. Foi um dia fantástico, já começando de forma acolhedora e animadora, pois fomos de carona com a professora Renata, conversando e debatendo nossas ansiedades em conhecer o colégio e os(as)(es) alunos(as)(es).

Em primeira sondagem do ambiente escolar, a princípio, a fachada do colégio não me pareceu acolhedora nem chamativa; parece não ser algo que foi pensado. As questões estéticas para o incentivo da permanência estudantil através de um ambiente acolhedor claramente não foram pautadas anteriormente, entrando no colégio, as percepções não foram tão diferentes. Ao vislumbrar o lugar, ele ainda parece um tanto quanto assustador: muros altos, paredes em um tom de branco ou bege acinzentado e o chão de cimento bruto e áspero. Nas paredes da secretaria foi possível observar diversos quadros com fotos dos formandos de anos anteriores em suas festas de formatura. Nota-se uma questão cultural com as turmas de terceiro ano do colégio em realizarem grandes festas, algo que, apesar do passar dos dias em convivência com os estudantes, não conseguimos identificar de fato se é uma tradição tão presente em suas expectativas acadêmicas.

Assim que entramos, os diretores, já citados acima, nos acolheram e trataram de maneira excepcional, o que gerou um sentimento de felicidade e confiança. Logo depois já fizemos um *tour* pelo colégio e a ideia do grafite estava muito forte na imaginação, para poder criar um ambiente mais agradável para eles, afim com que quando olhassem as obras lembrassem de um momento feliz, fazendo o ambiente ficar mais acolhedor e alegre, assim como destaca Paulo Freire (2019), sobre a importância do ambiente escolar valorizar as

⁵ Nós enquanto dupla de pibidianos.





experiências dos(as)(es) alunos(as)(es), principalmente com o diálogo artístico, já que esse pode ressignificar o ambiente.

Após o *tour*, fomos à sala da diretora para conversarmos. Foi um diálogo empolgante, ela nos falou algumas informações da escola e dos estudantes, e o que mais nos empolgou foi

a receptividade e a liberdade para criarmos projetos, principalmente de interação, já que os alunos estão sem celular, devido à lei federal nº 15.100/2025. Um ponto importante que devemos ressaltar é que a escola segue com o horário “normal”, fugindo dos colégios de período integral que encontramos pela cidade. Também é um dos únicos que ainda permanece com aulas regulares no período noturno, devido ao posicionamento da direção contra uma imposição política pelo fim dessas aulas. Durante a reunião, descobrimos que existe um programa que os alunos podem usar para fazer intercâmbio, algo interessante, já que ajuda na permanência estudantil. Devido ao programa, muitos alunos se inscrevem para ser monitores no contraturno, pois isso agrega na pontuação do processo seletivo. No decorrer da conversa, foi possível notar um papel com informações sobre a eleição do grêmio estudantil afixado no mural. Questionamos a diretora e ela nos disse como o grêmio é atuante e influente dentro do colégio, uma boa oportunidade para trabalhar questões sobre participação política.

Sendo assim, tiramos nossas dúvidas e encerramos a conversa. Ao ir embora, pegamos carona com a professora Nicole, onde conversamos mais, com muita animação. Chegando em casa, com a cabeça cheia de ideias, trocamos mensagens pelo *whatsapp* e propusemos campanhas e projetos pessoais para arrecadarmos e comprarmos materiais para a realização de oficinas de grafite. Embora tenhamos conversado sobre essa ideia, ainda não conseguimos propor ao colégio, devido aos problemas que veremos adiante.

O primeiro dia de aula, na semana seguinte, dia quatorze, não foi o que esperávamos. A primeira impressão foi que a grande competência da professora regente e suas tentativas diversas no ensino de sociologia vinham acompanhadas de um grande desinteresse e desconexão da sala com a matéria. A docente nos passou algumas provas que haviam sido realizadas anteriormente pela sala e que seriam devolvidas naquele dia com suas devidas correções. Comentamos, entre nós, como era quase cômico que questões básicas sobre Durkheim e o surgimento da sociologia nos fizeram questionar nosso conhecimento sobre o conteúdo, e que talvez isso se dava ao excesso de academicismo que vivenciamos no cotidiano do curso superior.





Para além desse momento, foi possível, quase escancaradamente, notar uma divisão de grupos estritamente definida, não só socialmente, mas também de modo territorial. A mais palpável definição de violência simbólica. Os capitais culturais estavam interligados de maneira nítida, exceto para um único aluno, que podemos notar não se enquadrar nas

expectativas de padrões para ocupar qualquer grupo da sala. No encontro seguinte, a professora preparou uma aula mais dinâmica e conectiva com os alunos. Foi exibido para eles o episódio “A Questão” da série “O Incrível Mundo de Gumball”, com o intuito de buscar, nos conhecimentos adquiridos, uma relação com a teoria da ação social de Max Weber. Os estudantes conseguiram fazer associações, principalmente a partir de conhecimento de vida, que estavam intrinsecamente conectados às teorias acadêmicas. Em outra aula, os alunos fizeram associações com o episódio “O Cãotador de Grama”, de “Rick and Morty”, e a teoria de dominação de classe de Karl Marx. Eles trouxeram experiências de vida, um momento para além do aprendizado acadêmico, foi um lugar para autoconhecimento enquanto ser político e pensante.

Tudo estava sendo maravilhoso, algumas experiências melhores, outras mais desafiadoras. Até que na sexta-feira, dia 13 de junho, fomos informados que os diretores do colégio Maluf seriam afastados, devido ao que vamos chamar de mercantilização da educação, onde os alunos viram apenas números. Isso nos deixou em choque, principalmente por notar a degradação da educação promovida por esse governo do estado do Paraná. O Grêmio Estudantil, com postura crítica e fervorosa, viralizou publicações e fizeram uma forte movimentação. Isso nos deu esperança: ver os estudantes lutando pela educação pública, de qualidade e para todos, de forma bonita e séria.

Na segunda-feira seguinte, 16 de junho, fomos às aulas sem saber o que esperar. Houve uma reunião com a direção, professores e o Grêmio Estudantil, com relatos emocionantes e revoltantes. No restante da aula, tratamos de Instituições Públicas, uma impressionante coincidência. Nicole, nossa professora supervisora, conduziu uma reflexão sobre a importância de lutar pela escola, conectando com nosso centro acadêmico, nomeado Florestan Fernandes. Na aula seguinte, do dia dezesseis de junho, aprofundamos as relações com a precarização da UEM e a mercantilização da educação. O grêmio explicou a manifestação que ocorreria no dia 17, e reforçamos a importância da presença dos alunos. No dia do ato, os estudantes foram organizados, motivados e conscientes. Algo emocionante.





Uma resposta à desesperança que sentimos como futuros docentes. A semana seguinte foi marcada por cansaço, mas também por continuidade: continuamos no debate sobre instituições públicas, socialização, e relembramos a manifestação, articulando o conteúdo com a vida real. No dia 2 de julho, o afastamento dos diretores foi confirmado. Isso foi a clara

exibição do desmonte educacional, que nos desmotivou e revoltou. Mas, como diz Fanon (2020), a revolta é importante e serve como libertação. Observar a mobilização dos estudantes foi motivo de orgulho, pois como aponta Bell Hooks (2013), a revolta, que todos sentiam, especialmente por esses diretores serem acolhedores e preocupados com o bem estar dos discentes, pode ser uma prática de amor e transgressão pedagógica, promovendo ações transformadoras. E ver tantos colégios presentes lutando pela educação nos deu fôlego. Ainda não retornamos ao colégio até a presente confecção desse relato para sabermos como está a situação, mas o medo e a ansiedade estão presentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivida no âmbito do PIBID, no Colégio Estadual Alfredo Maluf, permitiu não apenas o contato direto com o cotidiano da escola pública, mas também uma imersão crítica nas contradições, potências e disputas que permeiam esse espaço. A partir de uma perspectiva fundamentada em autores como Paulo Freire, Bell Hooks, Michel Foucault e Frantz Fanon, foi possível compreender a escola como um território de relações de poder, resistência, afeto e produção de sentido.

As principais conclusões da vivência apontam para a centralidade da escola pública como espaço formativo, não apenas para os estudantes, mas também para os futuros professores. A convivência com alunos engajados politicamente, a observação de processos de mobilização diante de crises institucionais, e o exercício de práticas pedagógicas que articularam teoria e realidade revelaram o papel transformador da docência crítica e comprometida.

Empiricamente, a experiência reforça a importância de programas como o PIBID na formação inicial de professores, pois permite vivenciar a docência para além dos manuais, em sua dimensão concreta, sensível e política. Para a comunidade científica, esse tipo de relato contribui com a ampliação dos estudos sobre formação docente em contextos reais,





especialmente no que diz respeito ao desenvolvimento de práticas pedagógicas que dialogam com os sujeitos e suas realidades.

A vivência também suscita a necessidade de novas pesquisas no campo da formação de professores, sobretudo no que se refere à presença e atuação discente em contextos de crise

institucional e à potência de metodologias pedagógicas baseadas no afeto, na arte e na escuta ativa. Há espaço para aprofundar o debate sobre como a escola pode se configurar como espaço de acolhimento e luta, e como a formação docente pode se fortalecer nesse processo.

Por fim, reafirma-se que a construção do conhecimento pedagógico deve estar enraizada na escuta e no diálogo, reconhecendo os estudantes como sujeitos históricos e a escola como lugar de disputa simbólica e emancipação. O relato aqui apresentado é uma pequena parte desse processo, mas aponta caminhos fecundos para quem acredita que educar é, como diria Freire, um ato de amor e de coragem.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos, em primeiro lugar, ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), por possibilitar uma experiência formativa concreta, crítica e profundamente transformadora. Essa vivência foi essencial para consolidar a escolha pela docência e ampliar nossa compreensão sobre o papel social da escola pública.

Ao Colégio Estadual Alfredo Maluf, expressamos nossa gratidão pela abertura, acolhimento e confiança. Em especial, agradecemos aos alunos e alunas com quem convivemos, que nos ensinaram diariamente com sua presença, suas histórias e suas formas de resistir e reinventar o cotidiano escolar.

À coordenação institucional e aos supervisores do PIBID-UEM, nosso reconhecimento pela orientação atenta, pelos diálogos constantes e pelo incentivo à autonomia pedagógica. Essa escuta ativa e respeitosa foi fundamental para que o processo formativo fosse também um exercício de liberdade. Em especial a nossa professora supervisora Nicole, que nos acolhe com tanto carinho e atenção, nos oferecendo espaço em suas aulas, para treinarmos a docência.

REFERÊNCIAS





BOURDIEU, Pierre. **The Forms of Capital**. New York: Greenwood Press, 1986. 241-258 p.

FANON, Frantz. **Os condenados da terra**. São Paulo: Zahar, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 54. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LEI Nº 15.100, DE 13 DE JANEIRO DE 2025, Lei n.º 15.100 (2025) (Brasil).
<https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-15.100-de-13-de-janeiro-de-2025-606772935>

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas Do Pacífico Ocidental: Um Relato do Empreendimento e da Aventura dos Nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

